



estudos semióticos

<http://www.revistas.usp.br/esse>

issn 1980-4016
semestral

julho de 2015

vol. 11, nº 1
p. 73–76

Surpresas e riquezas de *Entretiens sémiotiques*

Elizabeth Harkot-de-La-Taille *

Resenha de: Biglari, Amir (éd.). *Entretiens sémiotiques*. Limoges: Lambert-Lucas, 2014. 510 páginas.

Entretiens Sémiotiques é um livro único em seu gênero, capaz de conciliar riqueza histórica com fortuna teórica e amplitude cultural.

A obra, extraordinária, reúne 22 entrevistas com semióticos e semiólogos francófonos de renome mundial, recolhidas por Amir Biglari, idealizador e atual presidente da Associação de Jovens Pesquisadores em Semiótica (AJCS – *Association des Jeunes Chercheurs em Sémiotique*). Trabalho meticuloso de coleta realizado ao longo de 26 meses, do início de 2011 a 2013, as entrevistas trazem ao leitor respostas pródigas a questões sobre o percurso de cada entrevistado e sobre desenvolvimentos passados e presentes da disciplina – seria mesmo uma *disciplina*? –, assim como seu papel teórico e social e seus desafios para o futuro. Além disso, brinda o leitor com uma impecável introdução explicativa e seis anexos compostos a partir de menções ou citações feitas nas entrevistas: Bibliografia geral; Índice de nomes de pessoas e grupos; Índice de referências geográficas; Índice de centros, escolas e instituições; Índice de periódicos; Índice de noções, domínios ou objetos de estudo. Os anexos permitem buscas ágeis de informações específicas no volume e constituem em si fértil material de pesquisa.

O livro difunde uma ampla gama de informações sobre a história da semiótica desenvolvida pela École de Paris com e após Greimas: seus primórdios; seu modo de funcionamento; sua evolução; seus objetos; seu papel face a outros campos de pesquisa e outras disciplinas; projetos continuadores, dissidentes ou divergentes. A École de Paris e Greimas são as referências mais presentes, mas não exclusivas. A obra dá voz a pensadores “em busca do sentido”¹ e, com isso, abre espaço para semiólogos (inclusive para a discussão “semiologia” ou “semiótica”) e para outras semióticas, como, por exemplo, a desenvolvida pelo Groupe μ , além de apresentar um leque de associações e centros atuais em que pesquisas semióticas alinhadas ou não à semiótica da École se cultivam na França, na Bélgica, na Itália, nos Estados Unidos, entre outros.

Dito isso, não se deve esperar unanimidade, nem mesmo uniformidade, a emergir do conjunto das entrevistas. A palavra de ordem, se há, é pluralidade, ou respeito a diferentes pensamentos e práticas em torno do sentido. Estilos dis-

tintos, individuais, permitem a visualização de diferenças e fomentam a riqueza característica de cada personalidade e formação, todas únicas. É possível buscar algum grau de complementaridade no conjunto? Sim, sem dúvida, à maneira de um mosaico: suspendendo-se o olhar de cada peça individual e se propondo a ver o conjunto, constrói-se um quadro da complexidade teórica e prática encontrada na busca de modelos do processo de fazer sentido.

Os entrevistados, apresentados em ordem alfabética, com uma lista de publicações selecionadas, consistem em Michel Arrivé (Université Paris Ouest Nanterre La Défense, Paris 10), Denis Bertrand (Université Paris 8, Vincennes-Saint-Denis), Anne Beyaert-Geslin (Université Bordeaux 3 – MONTAIGNE), Jean-François Bordron (Université de Limoges), Pierre Boudon (Université de Montréal), Per-Aage Brandt (Case Western Reserve University), Jean-Claude Coquet (Université Paris 8, Vincennes-Saint-Denis), Michel Costantini (Université Paris 8, Vincennes-Saint-Denis), Joseph Courtés (Université Toulouse 2 – Le Mirail), Ivan Darrault-Harris (Université de Limoges), Paolo Fabbri (LUISS – Libera Università Internazionale degli Studi Sociali, Roma), Jacques Fontanille (Université de Limoges), Anne Hénault (Université Paris-Sorbonne, Paris 4), Anne-Marie Houdebine-Gravaud (Université Paris 5 – Paris – Descartes), François Jost (Université Sorbonne Nouvelle – 3), Jean-Marie Klinkenberg (Université de Liège), Eric Landowski (CNRS), Louis Panier (Université Lumière Lyon 2), Jean Petitot (EHESS), François Rastier (INALCO, Paris), Eero Tarasti (Universidade de Helsinki) et Claude Zilberberg (CeReS).

Para muitos dos leitores-alvo, principalmente aqueles que se filiaram à semiótica a partir da década de 1990 – a maioria, hoje –, os respondentes correspondem a nomes conhecidos basicamente por suas publicações passadas e presentes. Nas entrevistas esses autores, assim como o próprio Greimas, ganham traços pessoais mais ou menos tangíveis, que vêm corroborar, em grande medida, seu percurso intelectual. Nos anos 1960-1970, aqueles que se aproximaram do projeto semiótico em gestação ou em desenvolvimento marcavam-se por, além de seu interesse no processo de “fazer sentido” – testemunho de inquietações intelectuais pouco satisfeitas em sua formação original –, percursos acadêmicos origina-

* FFLCH-USP/CNPQ. Endereço para correspondência: (beth.harkot@uol.com.br).

¹ Expressão com caráter unificador empregada por Biglari (“sémioticiens... ‘en quête du sens’”), em sua Introdução, página 07, que aqui parafraseio.

dos em outras áreas, algumas próximas, outras nem tanto, como arquitetura, bioquímica, cinema, didática das línguas, direito, estilística, filosofia, jornalismo, linguística, literatura, matemática, medicina, música, retórica, sociologia, teologia (lista não exaustiva, em ordem alfabética). Constata Bertrand (p. 51) :

J'ai déjà observé par ailleurs que faire de la sémiotique supposait d'être au moins bidisciplinaire. Or, ainsi envisagée, la sémiotique se présente davantage comme un esprit de méthode que comme une discipline proprement dite : elle permet d'observer d'un autre point de vue des objets connus par ailleurs et dont le sémioticien doit avoir la pleine maîtrise.

Hénault se posiciona se não no mesmo tom ao menos na mesma 'escala tonal':

... Chacun de ceux qui se lancent en sémiotique part nécessairement de sa sphère de compétence initiale. Il applique tout le savoir et toute la perspicacité dont il est « spontanément » capable pour délimiter son espace de recherche. Il se crée un corpus en fonction de ses connaissances antérieures, des prescriptions méthodologiques qu'il a intériorisées et des problématiques actualisées par l'état de la recherche collective dont il est solidaire. (p. 236)

Os diagnósticos de Bertrand e de Hénault oferecem uma possível explicação genética da amplitude e variedade dos objetos ou domínios de reflexão no campo da semiótica, esta última mais associada a uma vocação de método que a uma disciplina propriamente dita. Fontanille (p. 212) não parece pensar diferentemente, ao discorrer sobre a primeira das características do “bom semiótico”:

Pour commencer, il faut avoir plusieurs compétences, au moins deux : d'un côté une ou plusieurs vraies disciplines, une vraie culture scientifique, une vraie culture spécialisée dans un ou plusieurs domaines, et de l'autre la compétence sémiotique. (...) On ne peut pas faire de la sémiotique en ne connaissant que de la sémiotique, parce que la sémiotique n'est pas un champ disciplinaire.

Brandt (p. 127) vai além e acalenta o desejo de que as novas gerações de semióticos sejam também artistas, por conta da liberdade de espírito, ou liberdade anárquica, que a arte permite e garante. E que conheçam muito bem filosofia. Deixo para adiante a relação de vários dos entrevistados com a arte. No momento, tomo essa dupla (ou tripla) competência característica da área como ponto de partida para abordar os objetos de pesquisa, fundantes de diferentes semióticas, tratados nas entrevistas.

Se, nos primórdios, desenvolviam-se pesquisas fundamentalmente nos recortes caracterizados como “Sémiotique littéraire” e “Sémiotique visuelle” (impossível não observar o não paralelismo, a primeira voltada a um objeto cultural e a segunda a um dos cinco sentidos), logo o leque se abre e o campo acolhe “Socio-sémiotique”, “Sémiotique des passions”, entre muitas outras composições.

Ici, nombre de ces sémiotiques portant sur des objets particuliers sont prises en compte. À part les quatre objets mentionnés [Sémiotique littéraire, Sémiotique visuelle, Sémiotique des passions, Sémiotique du son], on peut en indiquer d'autres, qui ne sont pas nécessairement du même niveau de pertinence, et entre lesquels se trouvent des chevauchements : art, design, média, audiovisuel, cinéma, télévision, radio, publicité, web, musique, discours politique, discours religieux, méthodes d'apprentissage des langues, monde sensible, monde naturel, culture, vivant, comportement, pratiques, formes de vie, corps, perception, temps, espace, lieu, architecture ... (Biglari, p. 10)

O exame dos objetos de reflexão semiótica conduz as entrevistas ao tema da constituição de recortes semióticos em novas semióticas e ao detalhamento de suas condições, incluindo dados sobre o surgimento de cada uma dessas correntes, sua evolução, o estado da arte em que se encontram, os problemas enfrentados, suas lacunas e perspectivas. Acrescente-se a esse conjunto a discussão das particularidades, dos princípios, objetivos e interesse da abordagem de cada pesquisador entrevistado ou equipe, assim como, em havendo, as relações dessa semiótica específica com a geral e, principalmente, as contribuições teóricas recíprocas de fato ou potenciais (Biglari, p.10), e o leitor constatará que cada entrevista contribui com traços firmes para um verdadeiro mapeamento da semiótica francófona, seus desenvolvimentos e tensões pretéritas e atuais em seu entorno, tensões às quais voltarei.

O ‘mapa’ da semiótica francófona esboçado pelas perguntas e respostas destaca alguns territórios de pensamento privilegiados. Greimas, evidentemente, ocupa o topo do panteão citado, pela própria natureza da obra, seguido por Saussure e Hjelmslev. Considerando-se os citados não participantes do livro, povoam o pensamento teórico semiótico ou dos semióticos entrevistados (o que não se confunde), aproximadamente em ordem decrescente de referências (pois alguns recebem o mesmo número de referências, ou várias por um mesmo respondente) e citados por ao menos três entrevistados: Barthes, Lévi-Strauss, Peirce, Jakobson, Eco, Benveniste, Floch, Thom, Aristóteles, Freud, Ricouer, Lacan, Metz, Merleau-Ponty, Kant, Propp, Chomsky, Martinet, Sebeok, Kristeva, Groupe μ , Dondero, Valéry, Husserl, Parret, Deleuze, Genette, Beyaert-Geslin, Geninasca, Ducrot, Hamad, Sonesson, Thürlemann, Wölflin, Badir e Quemada. Proust, Mallarmé, Maupassant e Rimbaud também têm lugar de destaque, mas obviamente por outros motivos. Para os citados por mais de três entrevistados e que participam do livro, convido o leitor a consultar o *Index des noms de personnes et de groupes*.

Cruzando-se as citações externas (de não participantes do livro) e internas (entre participantes do livro), confirma-se o universo compósito que compõe o campo semiótico atual e saltam à vista alguns de seus paradigmas principais.

Ces paradigmes – entre lesquels il n'existe pas de frontières étanches, mais qui, au contraire, interagissent et se complètent – sont notamment : la sémiotique objectale, la sémiotique des instances, la sémiotique cognitive, la sémiotique tensive, la sémiotique existentielle, la sociosémiotique,

l'éthosémiotique, la biosémiotique, la sémiotique peircienne, la nouvelle sémiologie, la sémiologie des indices, etc. (Biglari, p. 10)

Tais paradigmas, porém, nem sempre coabitam nos parâmetros da *Pax Europæana*. Tamanha diversidade, alguém pode supor, é sujeita a discordâncias, censuras, até. Volto, portanto, às tensões internas, das quais Fabbri (p. 200-1) dá um exemplo, ao exprimir seu desagrado em relação ao quadro semiótico multifacetado da atualidade:

Moi, je crois que je travaille à l'intérieur du paradigme sémiotique, même s'il y a des orientations différentes. Et je ne suis pas du tout content de ceux qui inventent chaque année la sémiotique « douce », la sémiotique existentielle, la sémiotique tensive, etc. Je trouve qu'ils déclarent qu'il y a une sémiotique standard mais qu'il faudrait faire autre chose ! Je n'aime pas du tout cela. . .

Ceci dit, j'ai mon propre point de vue qui n'est pas un point de vue original ou une sémiotique à part. Je fais de la sémiotique en fonction de mes compétences. Quelles sont mes compétences ? Je pense que ma contribution, c'est que je pratique une sémiotique marquée (par rapport à une sémiotique non marquée, sur le modèle de la langue où il y a des termes marqués et des termes non marqués), dans le sens de mes compétences. Par exemple, je suis très intéressé par les problèmes de conflictualité. La conflictualité peut être une dispute de famille, une polémique politique, l'argumentation scientifique, la guerre, la mafia. (. . .)

Desaprovador das vertentes que alcunha « semiótica doce », Fabbri, talvez por sua origem acadêmica no Direito, assume preferir pesquisas semióticas voltadas a problemas sociais a criar outros recortes teóricos. Seu juízo crítico, porém, não se aproxima da ironia corrosiva de Rastier (p. 368):

La linguistique est la sémiotique des langues, aux côtés d'autres sémiotiques régionales, comme la sémiotique des images ou celle de la musique. Je ne vois aucune nécessité à échafauder une sémiotique des langues ou une sémiolinguistique qui serait autre chose que la linguistique, une sémiotique des images qui ne se confonde pas avec l'iconologie, une sémiotique de la musique indépendante de la musicologie. Ce serait une source de confusion inutile.

La sémiotique mérite mieux que de devenir une « toutologie » [de l'italien *tuttologia*], traitant *De omni re scibili et quibusdam aliis*. J'admire les sémioticiens qui s'estiment compétents sur tous les sujets, et vous parlent un jour des tapis persans, le lendemain de Lyotard, le surlendemain de saint Bonaventure ou du Chanin Building. Cette agilité médiatique accompagne l'intégration progressive de la sémiotique aux disciplines de la communication où elle peut jouer le rôle auxiliaire d'une *pop philosophie*.

Por mais que Rastier aprecie uma boa polêmica, deixo ao leitor ou aos entrevistados algum possível comentário sobre

o grau de 'fidelidade ao real' que sua colocação caricata desenha. Sua entrevista, que o leitor compartilhe ou não suas posições, contribui para a compreensão tanto do universo semiótico quanto de tensões que o permeiam.

Restam-me três pontos a tratar suscitados pelos textos e por seu conjunto: o futuro da semiótica; funções da semiótica; e arte e fazer semiótico.

Começo pelo futuro, que se apresenta preocupante. Parte considerável dos entrevistados se mostra apreensiva e alude a uma "crise da semiótica", motivados ou não pelo entrevistador. Com exceção da Itália, país em que, tudo indica, a semiótica 'vai bem, obrigada', as possíveis razões evocadas para a apreensão coletiva são muitas e complexas, e cobrem uma gama que aborda desde a dificuldade francesa para promover mudanças curriculares, passa pela fraca institucionalização da semiótica desde seu início, pela terminologia de difícil penetração, pela variedade de correntes pós-greimasianas, até mesmo possivelmente pela recusa de Greimas de entrar no Partido Comunista Francês (PCF); e chega a questões de ordem política, relativas aos lugares de poder universitário pouco ocupados por semioticistas e conquistados por representantes de outras linhas teóricas. Tudo isso e ainda mais é generosamente discutido nas entrevistas. Há um ponto, porém, que me parece muito significativo, mas que só se faz notar negativamente, pelo silêncio a seu respeito. "*Il manque un sens du dialogue*", diz Klinkenberg (p. 317). Mesmo com a lição vívida do caráter agregador de Greimas, sua lucidez e vontade de integração de outras disciplinas no pensamento semiótico em formação, a trans ou interdisciplinaridade é aludida por poucos. Assim como se percebe uma tendência de fechamento do universo semiótico na própria semiótica ou de cada um em sua célula de pensamento, como afirma Fontanille (p. 230), "*Il y a des tendances dominantes chez les sémioticiens, c'est que chacun fait son oeuvre en utilisant "les grands anciens", mais personnes n'utilise les travaux des voisins et des contemporains*", nota-se também um fechamento noutro nível, no tempo.

Como falo de futuro, tomo o passado recente como exemplo. Pergunto, à guisa de desafio: no levantamento dos nomes citados por ao menos três entrevistados, excetuando-se os mortos e os que participaram do projeto semiótico em sua fundação ou desenvolvimento, junto com Greimas, e que foram entrevistados para o livro (para conferir estes últimos, basta o leitor fazer uma busca no *Index des noms de personnes et de groupes*), quantos nomes será que restam? Desses, quantos são de geração mais jovem que os tradicionais, digamos, são nascidos, grosseiramente, a partir de 1960? Acredite, leitor, são três: Sémir Badir, Anne Beyaert-Geslin e Maria Giulia Dondero. Dois sediados na Bélgica, uma na França. Ora, o que isso mostra?

Talvez não muito, uma vez que o livro convoca os entrevistados a responderem sobre a história da semiótica. Porém, invita-os também a falar da semiótica hoje e de seu futuro, e, aí, a quantidade de referências a jovens semioticistas figura ínfima. A fala lúcida de Fontanille pede então um ajuste: os 'contemporâneos e vizinhos' que não recebem citações pertencem a gerações mais novas que os desbravadores da semiótica. Arrisco afirmar que essa forte tendência à endogenia – quero dizer com isso que, além dos antigos, basicamente contemporâneos históricos são referidos – consiste em uma das causas da "crise semiótica". Mais, ousar insistir

que, se os semioticistas próximos do círculo de Greimas querem um futuro para a semiótica na França, precisam cultivá-lo, a exemplo do agricultor. Como? Trazendo um maior contingente de jovens para o palco teórico, citando-os mais, trabalhando mais com eles, abrindo-lhes mais espaço nas instituições e associações. Generalizo e isso é injusto, lamento. Há parcerias com mais jovens, como provam as próprias obras arroladas na primeira página das entrevistas, mas são proporcionalmente raras.

O tema do futuro evoca, por outro ângulo, o poder heurístico da semiótica, o que, por sua vez, remete às suas funções, sua finalidade ou, no limite pragmático, sua utilidade. A obra apresenta muitos exemplos de análises semióticas: auxiliando a publicidade; auscultando a educação; categorizando políticas; pensando as artes; esmiuçando comportamentos; perscrutando estados de alma; desconstruindo estratégias de alienação; proporcionando novas leituras para velhas ou novas questões e muito mais. Dessas, ressalto o que subjaz a todas essas práticas e que se torna gradualmente acessível já ao aprendiz de semiótica: o desenvolvimento de um sistema de pensamento, uma competência leitora (ampla, aberta a todos os campos da atividade humana: ciências; artes; religiões; línguas...) aguda, perspicaz, capaz de « [a]ider à dépasser l'évidence et le bon sens, en plaçant les phénomènes familiers sous la lumière crue d'un éclairage neuf, en les mettant comme à distance » (Klinkenberg, p. 318). Uma competência que, no limite, informada sobre os mecanismos de fazer sentido que produzem a compreensão de sua época, de sua cultura e, até certo ponto, da natureza humana, pode suprir « *la nécessité pour une pensée de comprendre ses propres conditions de possibilité* » (Bordron, p. 73).

Para concluir este item, novamente evoco Klinkenberg (p. 317), em fala a seus alunos, ao final de seus cursos:

« Grâce aux quelques outils dont vous voilà munis au terme de ces entretiens, vous êtes maintenant à même d'entrer dans les coulisses du sens. (...) Or cette connaissance que vous avez, vous pourrez demain la mettre au service de n'importe quelle cause. Vous pourrez créer les publicités les plus dégueulasses, écrire les articles les plus abjects

(...) Mais vous pourrez aussi déconstruire au bénéfice d'autres ces mécanismes aliénants, et leur faire voir les logiques profondes qui les sous-tendent. Construire ou déconstruire, peu importe : vous serez libres de vos choix. Mais plus jamais vous ne serez totalement vierges face au sens des choses. »

Deixo o tema das funções da semiótica para rapidamente aludir às artes. Várias das entrevistas reservam surpresas, na medida em que o leitor aprende sobre as produções ou os interesses culturais e artísticos dos entrevistados. Para citar alguns, numa lista lacunar: Michel Arrivé e Eero Tarasti, que é também músico, escrevem romances, Anne Beyaert-Geslin é apaixonada pelas artes plásticas e pelo design, Pierre Boudon, pela arquitetura, pintura e música, Per Aage Brandt escreve poemas, além de apreciar música e tocar jazz ao piano (não revela este último, na entrevista), Michel Costantini se deleita nos vasos gregos, na significação imagética e na pintura, o próprio Greimas teria escrito um romance policial, segundo Ivan Darrault-Harris (p. 184), enquanto o próprio Darrault-Harris une semiótica, artes plásticas ou escrita ficcional e terapia, François Jost se interessa pelo cinema e outras artes, Jean-Marie Klinkenberg fala da proximidade de quatro dos membros fundadores do Groupe μ com as artes plásticas, Jean Petitot se remete à música, poesia e às artes plásticas, Claude Zilberberg mostra sua predileção pela poesia etc. Em suma, o leitor encontrará quantidade e variedade de contatos com o mundo das artes suficientes para instigar consideração.

Concluindo, confesso que teria apreciado encontrar alguns nomes latinoamericanos, ainda outros europeus, mas para que o projeto se materializasse era necessário lhe por um ponto final, em algum momento – e 26 meses de trabalho e 516 páginas muito densas não é pouco. Por fim, gostaria de insistir que a obra é um verdadeiro tesouro, um documento precioso e mesmo essencial para toda a comunidade semiótica, de pesquisadores consagrados a estudantes iniciantes. Por si só, o livro esboça com esmero o mapa da semiótica francófona atual. Esperemos que essa bela iniciativa terá continuação com outros semioticistas do mundo todo. . . ●

Dados para indexação em língua estrangeira

Harkot-de-La-Taille, Elizabeth
Surpresas e riquezas de *Entretiens sémiotiques*
Estudos Semióticos, vol. 11, n. 1 (2015)
ISSN 1980-4016

Como citar esta resenha

Harkot-de-la-Taille, Elizabeth. Surpresas e riquezas de *Entretiens sémiotiques*. *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: (<http://revistas.usp.br/esse>). Editores Responsáveis: Ivã Carlos Lopes e José Américo Bezerra Saraiva. Volume 11, Número 1, São Paulo, Julho de 2015, p. 73-76. Acesso em “dia/mês/ano”.

Data de recebimento do artigo: 29/novembro/2013

Data de sua aprovação: 10/março/2014
